

ESTRATÉGIA COMPETITIVA NACIONAL: A INTEGRAÇÃO UNIVERSIDADE- EMPRESA

Maria Cristina Guimarães Oliveira

Resumo

Apresenta aspectos relevantes na evolução do papel da universidade, como geradora e disseminadora do conhecimento e sua relação com o setor produtivo, onde, cada vez mais, ocorrem expectativas quanto ao papel da integração entre a universidade e empresa, na busca de se promover o desenvolvimento de um mercado doméstico amplo e dinâmico. Aponta ainda para a necessidade de se encontrar uma confluência de fatores essenciais para o impulso ao desenvolvimento: um projeto de modernidade, um projeto geopolítico do Estado, aliados aos projetos da comunidade educacional científica e tecnológica. Finaliza ressaltando experiências exitosas na relação universidade - empresa.

Palavras-chave

integração - universidade-empresa, competitividade, desenvolvimento econômico

Abstract

In this paper, some relevant aspects on the evolution of the university role are presented. It starts by showing the university as a force that generates and disseminates knowledge and it shows its relationship with the productive sector where expectancies increase as regards to the role of integration between university/enterprise in order to promote the development of a large, active, home market. It also points out the need of finding out essential tools to

promote development. The idea is two-fold. First, to conceive a project within modernity; then a State geopolitical project, both involved with the scientific, educational, and technological areas. The paper concludes stressing on the successful experiences of the interrelationship university/enterprise.

Key-words

Integration - university-enterprise - competitiveness - economic development.

INTRODUÇÃO

O paradigma tecnológico, as conseqüências sociais, econômicas e culturais da era da informação serão sustentados, cada vez mais, por setores insensíveis em conhecimento, associados às tecnologias da informação e comunicação.

É provável que, nessa matriz tecnológica, industrial e econômica, estejam ainda os diferentes produtos e serviços do futuro, os quais serão fundamentais para atrair investimentos e criação sustentada de empregos. Mais do que todos os outros períodos da história da humanidade, a sociedade da informação fundamenta-se na qualificação dos recursos humanos.

Assim, uma infra-estrutura adequada de redes para educação, pesquisa e desenvolvimento exige muito mais capacitação intelectual do que aquelas necessárias ao suporte de atividades apenas comerciais clássicas, em geral supridas naturalmente pelo próprio mercado. Aliás, as forças de mercado, **per se**, nunca promoveram soluções socialmente justas e aí se encontra o papel compensador das universidades de acesso livre e democrático para qualquer interessado, geradora e disseminadora do conhecimento, disponibiliza instrumentos que permitem, além da própria formação, a oportunidade de *transformação*.

De fato, "as relações entre a universidade, a sociedade e o Estado se pautam segundo a prevalência, nas atividades universitárias, de dois movimentos que se encontram em tensão contínua: um movimento de reprodução e um movimento de transformação. O movimento de reprodução que se processa no interior da universidade resulta de

* MS. em Informação Tecnológica
NUESP/CCS/UNICAP. Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre
MPE's e Cooperativas

exigências de manutenção e consolidação dos padrões materiais, sociais e culturais. [...] O movimento de transformação assume configurações próprias à universidade enquanto instituição social, matriz de um amplo e fecundo processo de transformação das condições materiais e dos padrões correntes da cultura”, conforme Therrier, Cartaxo (1980:19).

Como se vê acima, o tema é objeto de reflexão há décadas e envolve sempre um amplo movimento de opiniões, no qual se buscam, cada vez mais, formas de organização que possam controlar, mais adequadamente, seus meios em benefício dos fins.

1. FATORES CONDICIONANTES DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA

A atual participação da universidade no desenvolvimento econômico, incorporando-o como mais uma função acadêmica, junto com o ensino e a pesquisa, constitui a segunda revolução acadêmica, cuja palavra-chave é a capitalização do conhecimento.

Para Stal (1995), a primeira revolução ocorrida no final do século XIX refere-se à incorporação da pesquisa como uma função universitária, ao lado da tradicional tarefa de ensino. As origens internacionais da interação entre a universidade e o sistema produtivo destacam a importância de Schumpeter, que deixou claro o “papel decisivo da inovação – entendida em seu sentido lato – como qualquer combinação dos fatores de produção com viabilidade mercadológica, do espírito empreendedor e da destruição criadora no processo do desenvolvimento econômico e social”, tudo isso já em 1911, quando publicou a Teoria do Desenvolvimento Econômico (Zagottis: 1995: 19).

Continuando [...], o autor destaca outro momento relevante: “em 1928 Whitehead, um filósofo de grande renome e um pesquisador que reformulou os fundamentos da matemática, em seu discurso de inauguração da “Business School” da Universidade de Harvard, estabeleceu um novo conceito de universidade, entendendo-a como um núcleo de progresso. Esse conceito, o mais revolucionário de todos, gerou a universidade do Sé-

culo XX e transformou-a não apenas em mais um qualquer núcleo de progresso, mas no mais importante feito entre todos os núcleos de progresso de que as sociedades podem dispor” (Zagottis: 1995: 19).

Com todo o risco de reduzir à poucas linhas as conclusões de vários estudos já produzidos, pode-se sumariamente afirmar que as questões que envolvem a interação entre a universidade e a empresa sempre foram pautadas no Brasil, acima de tudo, por aqueles que acompanham a área de C & T de perto, pela oscilação e crise do sistema político e de fomento às atividades de Ciência e Tecnologia no país.

A acentuação da instabilidade econômica, a crise do Estado no final dos anos 80 e sua permanência nos anos 90 trouxeram a exacerbação de estratégias meramente defensivas e um retrocesso no esforço de desenvolvimento científico e tecnológico do Brasil.

À medida que cresce a competitividade no mercado internacional, cresce o fortalecimento de blocos de nações que somam, cada vez mais, vantagens comparativas. Estudos vêm surgindo, destacando-se que a expansão continuada da produção estará condicionada à expansão do mercado consumidor.

Referência constante na literatura especializada ilustra que “a superação do déficit competitivo brasileiro passa por um amplo conjunto de desafios, em todos os casos inadiáveis. Começa pela mudança cultural e de postura dos atores sociais, incluindo os trabalhadores, os empresários, os consumidores, as instituições públicas e privadas, que têm agora que se voltar para novas tarefas e exigências. A primeira, mais básica e mais importante, é a do desafio educacional, associada à integração e ao avanço social. É necessário reconhecer e enfatizar que o desenvolvimento competitivo não pode ser alcançado enquanto estão excluídos largos contingentes da população e subsistem, em atividades marginais, outras importantes frações. A integração de parcelas da população à economia e à cidadania torna-se fundamental e concorre no sentido de promover o desenvolvimento de um mercado interno amplo e dinâmico” (Coutinho, Ferraz: 1995: 122).



2. EXPERIÊNCIAS EXITOSAS DA RELAÇÃO UNIVERSIDADE-EMPRESA

A universidade – reagindo a críticas de que o “academicismo tem favorecido o crescimento de pesquisas desligadas da realidade do cotidiano, desconhecendo assim os problemas ligados à produção e ao mercado – preocupa-se não só em capacitar mão-de-obra especializada, mas também em participar da qualificação de pesquisadores que efetivamente possam gerar e garantir meios de adquirir condições para o pleno desenvolvimento científico e tecnológico” (Oliveira, Otero, Schmidt: 1994: 167).

As relações entre as universidades e o setor empresarial constituem um tema de interesse crescente, dado o potencial de suporte ao desenvolvimento tecnológico e a capacidade de inovação das empresas.

“Tais relações podem assumir várias formas, desde a consultoria individual de um professor a uma empresa, até a constituição de estruturas especiais e complexas, como os parques tecnológicos”, esclarece STAL (1998:17).

A esse respeito, convém esclarecer que os pólos científicos e tecnológicos surgem dentro de condições e limites precisos e com três propostas embutidas: um projeto de modernidade, um projeto geopolítico do Estado e os projetos da própria comunidade educacional, científica e tecnológica, que sempre busca a fronteira do conhecimento mundial.

Tais limites e restrições não se enquadram nos pólos de modernização: os pólos de modernização (tecnológica e gerencial) têm o objetivo de trazer a tecnologia para os setores tradicionais da economia, formando sistemas industriais, agrícolas ou de serviços localizados.

No caso, “são fortalecidas as relações entre empresas e universidades – as quais podem desembocar em acordos precisos de cooperação, no formato do consórcio comercial, “joint-venture”, redes de parcerias entre grandes grupos e as micro e pequenas empresas. O fundamental, nos pólos de modernização, é que as empresas possam sobreviver e crescer no mercado, adotando novos

procedimentos gerenciais e tecnológicos”, esclarece Medeiros (1996: 21).

O conceito de tecnologia “pressupõe um conjunto de conhecimentos, para construir ou modificar uma situação, que serão ou não adotados pelos indivíduos, grupo ou sociedade. Para adoção de uma tecnologia é necessário que haja uma cumplicidade de intenções: um processo de absorção e um processo de decisão, o que deve efetivar uma inovação em determinada realidade. Realidade essa que passa a reconhecer e aceitar a introdução da novidade” (Oliveira, Schmidt; Silva: 1998:110).

Tudo isso faz que se retorne à abordagem realizada anteriormente, quando se destacou uma confluência de fatores para um impulso ao desenvolvimento: um projeto de modernidade, um projeto geopolítico do Estado, aliados aos projetos da comunidade educacional, científica e tecnológica.

A evidência prática dessa colocação para o aprofundamento da relação universidade-empresa se dá com a criação dos Fóruns de Tecnologia dos Estados do Ceará e da Bahia.

Os arranjos interinstitucionais “como indutores de inovação, constituídos nos Fóruns reúnem diversas instituições propulsoras do desenvolvimento, as quais definem as suas diretrizes e formas de ação, como as de ensino e pesquisa, as ações específicas dos governos Estadual e Federal, as do setor produtivo e outras da sociedade civil” (Mota, Lucchesi: 1999: 139).

No âmbito da relação universidade-empresa, outro destaque que se dá é ao movimento das empresas-juniões. A justificativa de criação das EJs é sustentada por:

- a) “proporcionar que o trabalho do aluno seja corretamente orientado, de modo que ele possa associar, da melhor maneira, teoria à prática – o que dificilmente ocorre nos estágios oferecidos no mercado;
- b) possibilitar que pequenas e médias empresas tenham acesso a serviços de qualidade a um custo bem inferior ao existente no mercado” (Rodrigues Jr. et al : 1999:59).

Considera-se, ainda, a oportunidade para a universidade monitorar futuros projetos de pesquisa, identificando e atualizando as demandas do segmento empresarial.

A última experiência exitosa a se destacar origina-se no âmbito do Comitê Gestor do Fórum de Tecnologia do Programa Interinstitucional de Extensão Tecnológica – PIET.¹

A proposta do Programa é “realizar a extensão tecnológica nas micro e pequenas empresas, utilizando-se das competências existentes nas instituições ofertantes dos serviços, baseada na demanda do segmento produtivo” (Mota, Lucchesi: 1999:139). Isso vem ao encontro da exposição do Prof. Pedro Franco Concha sobre “Promoción de Competitividad Empresarial: PYME’s e Cooperativas”, realizada na UNICAP, em 1998. 2, 3.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pela sua abrangência, o assunto não se esgota num espaço exíguo, o que não diminui a relevância de se exporem algumas considerações finais.

Certamente é inegável a importância de se dispor de fôlego para conduzir, de forma bem sucedida, as múltiplas questões que envolvem a relação universidade-empresa. A capacitação tecnológica doméstica exige não apenas a absorção e o desenvolvimento de tecnologias mas também o aumento do desempenho exportador do país. Por essa razão, as políticas de desenvolvimento dos países europeus e asiáticos, que devem ser tomadas como exemplo, privilegiam a criação e a manutenção de competências científicas e tecnológicas nacionais, muito especialmente nas áreas de educação, formação profissional e cooperação entre empresas e universidades, como atividades estratégicas.

Se a Universidade não pode deixar de cumprir sua missão mais relevante, que é a de formar recursos humanos qualificados, adequados às expectativas da sociedade, e que possam contribuir para o desenvolvimento do país, torna-se necessária também a mudança cultural e comportamental das

empresas, que devem aumentar o investimento em P & D. A despeito de existirem, no Brasil, exemplos de sucesso da cooperação entre universidades e empresas, eles são isolados e apontam para a necessidade de o país conceber e implementar mecanismos integrados capazes de contribuir para a quebra da cadeia vigente, onde a armadilha econômica vem alimentando a armadilha social.

Mais integradas, certamente, a universidade e a empresa poderão favorecer uma melhor contribuição ao crescimento do país, conscientes de que o incremento das atividades econômicas, através do processo de investimentos estruturadores, permitirá a busca e o gerenciamento de novos modelos na sociedade do conhecimento.

NOTAS E REFERÊNCIAS

- 1 O Programa Interinstitucional de Extensão Tecnológica – PIET –, originado no âmbito do Comitê Gestor do Fórum de Tecnologia, compõe a articulação de um amplo espectro de instituições: Secretarias de Estado, Federações de Indústrias, Universidades, Centros de Tecnologia, CEFET, SENAI, SEBRAE, IEL. A página do Fórum (www.fieb.org.br/forumtec e www.sfipec.org.br/iel) serve de instrumento de comunicação para facilitar o processo de disseminação das informações.
- 2 No Seminário, o Prof. Pedro Franco Concha relatou a experiência da Universidade do Pacífico, Lima, que integra a Associação de Universidades confiadas à Companhia de Jesus na América Latina-AUSJAL.
- 3 A Rede AUSJAL/PYME vem divulgando o trabalho desenvolvido em algumas universidades latino-americanas, apontando resultados satisfatórios, constituindo-se uma referência para a construção de um modelo próprio e afeito à característica de nossa região e do nosso país, na relação entre universidades - empresas.



OBRAS CITADAS

- 1 THERRIEN, Jacques, CARTAXO, Helena. **A universidade e o desenvolvimento regional: elementos para um debate.** Fortaleza : Universidade Federal do Ceará, 1980. 291. A universidade e o desenvolvimento regional : elementos para um debate.
- 2 ZAGOTTIS, Décio Leal de. A interação entre a Universidade e o Sistema produtivo. **Revista de Ensino de Engenharia**, Brasília, n.15, p. 17-29, dez.1995.
- 3 COUTINHO, Luciano, FERRAZ, J. Carlos. **Estudo da competitividade da indústria brasileira.** Campinas: Papirus, 1995, 510 p.
- 4 OLIVEIRA, M. Cristina Guimarães, OTERO, M. Mercedes D. F., SHMIDT, Susana. Serviços de Informação Tecnológica: integração universidade e sociedade. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 8, 1994. Campinas, **Anais...** UNICAMP, 1994. 361 p. p. 165-173.
- 5 STAL, Eva. Centros de Pesquisa Cooperativa e as Motivações das Empresas. In: SIMPÓSIO DE GESTÃO DA INOVAÇÃO TECNOLÓGICA, 20. 1998, São Paulo, **Anais...** São Paulo : [s. n.]. 1998.
- 6 MEDEIROS, José Adelino. Pólos Científicos, tecnológicos e de modernização: uma perspectiva brasileira. **TECBAHIA**. Rev. Bahiana da Tecnologia, Camaçari, v. 11, n.1, p. 11-25, jan./abr. 1996.
- 7 OLIVEIRA, M. Cristina Guimarães, SCHMIDT, Susana, SILVA, M. Nazaré O. Contribuições à competitividade tecnológica: o grupo de geotecnia da UFPE. **TECBAHIA** : Rev. Bahiana de Tecnologia, Camaçari, v.13, n. 3, p. 109-113, 7 set./dez. 1998.
- 8 MOTA, Teresa L. N. da Gama, LUCCHESI, Rafael. Arranjos interinstitucionais como indutores de inovação. **TECBAHIA** : Rev. Bahiana de Tecnologia, v. 14, n. 2, p.131-141, maio/ago. 1999.
- 9 RODRIGUES JR., José Maciel et al. **Universidade e Indústria.** Belo Horizonte : [s.n.], 1999. p.55-61 : Cooperação universidade - empresa: a gestão tecnológica na UFMG.

OBRA CONSULTADA

- 1 STAL, Eva. A contratação empresarial da pesquisa universitária. **Revista de Administração**, São Paulo, v. 30, n.1, p. 3-18, jan./mar. 1995.